

**Dieter Kremer (Trier)**

**D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos  
como lexicógrafa**

1

D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos é, sem dúvida alguma, uma das poucas «grandes dames» na história da Filologia Românica. Nada mais justo, pois, que dedicar um colóquio à sua memória (celebra-se em Outubro o septuagésimo sétimo aniversário da sua morte).<sup>1</sup> Ao fazê-lo é tão importante enquadrá-la adequadamente na historiografia linguística quanto o é uma inventariação actualizada da sua obra e suas repercussões. Filóloga na mais perfeita acepção romanística da palavra, Carolina Michaëlis de Vasconcellos representa uma tradição hoje praticamente desaparecida — sobretudo no contexto alemão. Não é minha intenção analisar mais em profundidade este facto, mas simplesmente constatar que poucos são os romanistas que pensam nela ou se debruçam sobre a sua obra. A sua edição do *Cancioneiro da Ajuda*, segundo Ramón Lorenzo «uma das obras mais importantes da investigação românica e continua a ser de consulta indispensável para todos os investigadores»,<sup>2</sup> é uma obra de referência incontornável. Só que: quem é que, hoje, na Alemanha, trabalha ainda «filologicamente» ou na tradição filológica? Ao mesmo tempo, Carolina Michaëlis de Vasconcellos representa um tipo de investigador que oscila entre duas culturas: por um lado recebe a sua extraordinária formação científica na Alemanha, ainda que fora da Universidade, por outro está perfeitamente integrada na Cultura Portuguesa, o que, para além da falta de interesse por temas relacionados com Portugal, dificulta a receptividade para a sua obra na Alemanha.

Neste sector há colegas que se movimentam muito mais à vontade do que eu. O convite que me foi feito para participar neste encontro — e que aceitei com o maior gosto — deve-se certamente ao «Centro de Documentação sobre Portugal» — em alemão *Portugalzentrum* — que tive a honra de criar em 1991 e no qual a Doutora Ulrike

---

1 As datas são contraditórias: 22 de Outubro ou 16 de Novembro de 1925.

2 *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*, p. 665b.

Mühlschlegel trabalhou durante algum tempo como auxiliar. A biblioteca do Centro começou por receber o nome de Joseph M. Piel,<sup>3</sup> meu professor e orientador académico e professor honorário da Universidade de Trier. No decorrer das longas negociações para conseguir a criação e financiamento de uma Cátedra de Estudos Portugueses, o Doutor Adão da Fonseca, na altura Presidente do Instituto Camões, fez questão de que, na melhor tradição britânica, se escolhesse um nome para a mesma. Depois de alguma hesitação entre Joseph M. Piel e Carolina Michaëlis de Vasconcellos — ambos personagens de relevo no contexto luso-alemão — acabei por dar a preferência a esta filóloga, já que ao integrar também a Literatura, Carolina Michaëlis de Vasconcellos representaria ainda melhor a Filologia Portuguesa de raiz na Romanística alemã. Esta escolha aliás nunca foi oficializada. O nome é utilizado pela parte portuguesa, a parte alemã não o leva sequer em consideração. Um exemplo deste facto — e que poderia considerar-se como uma anedota, dispensando qualquer comentário — é o endereço para onde é enviado o *Journal de Letras*:

Exma.Sr<sup>a</sup>.Dr<sup>a</sup>  
 CAROLINA MICHAELIS DE VASCONCELOS  
 UNIVERSITAT TRIER / PORTUGALZENTRUM  
 0-0 TRIER ALEMANHA

Neste contexto, a Doutora Mühlschlegel considera que, através do meu professor e orientador académico Joseph M. Piel, eu me enquadraria na tradição directa de D. Carolina. O que não é totalmente correcto. Apesar de Piel ter assumido a cátedra de Carolina Michaëlis de Vasconcellos em 1939, a verdade é que nunca a conheceu pessoalmente, visto ter ido para Coimbra em 1926, já depois de esta ter falecido: A sua orientação filológica está enraizada na escola de Wilhelm Meyer-Lübke.

Seja como for, ambos são notáveis representantes da Romanística alemã tradicional, dedicados especificamente a Portugal, mas sem jamais perderem de vista o contexto da Romanística na acepção clássica da palavra. Paralelamente, pode dizer-se que tanto os temas quanto a metodologia de trabalho de ambos apresentam fortes semelhan-

---

3 Actualmente, o meu mentor académico dá o nome à biblioteca do Centro de Documentación de Galicia (*Galicien-Zentrum*), juntamente com Fr. Martín Sarmiento, uma das figuras galego da Filologia Galega.

ças. À semelhança de todos os especialistas da sua era, Piel analisou em pormenor a obra de D. Carolina e abordou pontualmente algumas questões filológico-etimológicas. Nos primeiros tempos da sua estada em Coimbra, Piel fez edições críticas de várias obras básicas da Literatura Portuguesa, válidas ainda hoje.<sup>4</sup>

Não me cabe, porém, hoje e aqui, debruçar-me sobre a obra de Piel, tarefa aliciante sem dúvida e que poderá ser enfrentada quando do planeado «Colóquio sobre lexicografia e etimologia histórica portuguesa». Gostaria, sim, de, recorrendo a alguns exemplos, abordar o trabalho de D. Carolina no sector da etimologia e da história das palavras. Na verdade, e juntamente com os trabalhos do fundador da Filologia Portuguesa Adolfo Coelho, com os estudos lexicais de Gonçalves Viana, cujas *Apostilas aos dicionários portugueses* aliás foram dedicadas «à excelentíssima Senhora Dona Carolina Michaëlis de Vasconcelos, a quem as Letras Portuguesas tanto devem», com a figura dominante dos Estudos Portugueses, Leite de Vasconcellos, e alguns outros importantes especialistas de Linguística Portuguesa, Carolina Michaëlis de Vasconcellos constitui o fundamento da Linguística Portuguesa moderna e encontra-se, mais ainda do que esta, na linha directa da tradição «romanística» alemã dominante naquela altura. A todos eles a ligavam elos estreitos de amizade, e seria injusto relegar para segundo plano a importância dos seus contemporâneos: um núcleo coeso de investigadores, que colocou o estudo da Língua Portuguesa em bases sólidas e duradouras. Entre os finais do século XIX e o primeiro quartel do século XX, a era de ouro da Filologia Românica em geral enche-nos ainda hoje de admiração. Face ao então conseguido, pouco temos a contrapor como termo de comparação. Talvez que o enorme volume de informação possível e uma formação insuficiente estejam na base deste fenómeno ou intimidação. Por outro lado, os trabalhos de D. Carolina estendem-se por um longo período de tempo, não se restringindo ao princípio do século XX. O facto de pertencer a uma classe social que nunca deixou de ser abastada e se inserir num ambiente caracterizadamente científico facilitou certamente a sua própria abordagem do trabalho que desenvolveu. Aliás não penso que tenha tido grandes dificuldades em impor-se como «mulher»: tanto a

---

4 Entre estas é de especial interesse as vicissitudes da edição de *A Demanda do Santo Graal*, edição de Joseph-Maria Piel, concluída por Irene Freire Nunes, introdução de Ivo de Castro, Lisboa: IN-CM (1988).

classe social a que pertencia quanto o seu «exotismo» — essa «fada que a Alemanha nos mandou»<sup>5</sup> — terão contribuído para tal. Pessoalmente tenho sérias dúvidas sobre a possibilidade de, hoje em dia, podermos atingir um nível científico semelhante. Como porém e ao mesmo tempo não sou grande defensor de cultos pessoais, vou tentar avançar algumas informações pertinentes.

## 2

É tarefa difícil tentar resumir os vastos campos de interesse e investigação concreta de Carolina Michaëlis de Vasconcellos. Em primeiro plano, e paralelamente a uma actividade filológico-literária focalizada especificamente sobre as *Cantigas* medievais e o século XVI (e aqui, embora não exclusivamente, sobretudo Gil Vicente, Sá de Miranda, Camões e o *Romanceiro*), encontra-se um modo de ver histórico-cultural: sem este pano de fundo só muito dificilmente se pode compreender o surgir e o alcance da Literatura. É admirável verificar a riqueza de conhecimentos históricos pormenorizados mencionados nas suas edições e comentários. A juntar-se-lhe um marcado interesse por um questionamento etnográfico, de mãos dadas com um espírito muito observador da realidade portuguesa do seu tempo (não é raro ver determinados factos técnico-linguísticos «testemunhados» por uma criada ou por uma cozinheira). O conhecimento da tradição histórica e da crítica literária e o domínio, hoje muito raro, do instrumentário romântico, transformam precisamente os seus estudos lexicais em exemplos clássicos da arte da etimologia românica. Uma arte que deixou praticamente de existir — pelo menos poucos são os estudos etimológicos actuais de que tenha conhecimento. Um trabalho que não deve ser confundido com a elaboração de dicionários etimológicos. No contexto português, pelo menos, deparamo-nos frequentemente com um equívoco: num dicionário como o de Antônio Geraldo da Cunha, facilmente apresentado como o de mais de confiança, resume-se ao máximo a informação sobre o estado actual dos nossos conhecimentos etimológicos, dispensando-se toda e qualquer crítica ou reporte ao

---

5 Hernâni Cidade, *Dicionário de História de Portugal* 6, p. 252, tradução livre da citação de Menéndez Pelayo: «Carolina é a fada benéfica que a Alemanha enviou a Portugal, para ilustrar gloriosamente as letras peninsulares», citado segundo Américo Lopes de Oliveira, *Dicionário de mulheres célebres*, Porto: Lello & Irmão 1981, s.v. *Michaëlis de Vasconcelos*.

autor da etimologia. Não há debate. Machado, com o seu dicionário etimológico tão frequentemente criticado, vai bem mais longe introduzindo citações históricas e, face a casos de interpretação problemática, espelhando o debate em curso, tomando posição nele e, sobretudo, citando os autores. Na mais recente obra da, a meu ver, não muito pobre lexicografia portuguesa — o *Dicionário Houaiss da Língua portuguesa* — os dois aspectos vêem-se, ainda que ecleticamente, reunidos. Por um lado é avançada uma primeira datação precisa, mesmo quando ela regra geral se reporta apenas a uma forma da palavra e não ao seu significado. Por outro lado, e se considerarmos que estamos perante um dicionário linguístico, dá suficientes informações etimológicas, incluindo esporadicamente um complemento sobre o debate e a bibliografia — apesar de estas se limitarem na sua maioria ao dicionário de Nascentes, onde se vai encontrar mais pormenores.<sup>6</sup> Aliás, o dicionário de Nascentes, que inclui, por exemplo, as informações do *Dicionário manual etimológico* de Adolfo Coelho<sup>7</sup> deveria ser sempre consultado. O debate etimológico em si tem lugar em revistas ou publicações da especialidade, das quais são exemplo, ainda que não exclusivamente, as citadas *Apostilas* de Gonçalves Viana, as muito numerosas «achegas» ou a colecção *Miscelânea de etimologia portuguesa e galega* de Joseph M. Piel, dedicada aliás «À memória da insigne Romanista e Professora da Faculdade de Letras da Universidade

---

6 Mais criticável a parte morfológica (formação das palavras). Houaiss não menciona nenhum trabalho de Carolina Michaëlis de Vasconcellos («Referências bibliográficas», pp. 2914-2922) ou, pelo menos, é difícil encontrar uma sigla correspondente na «selva» das abreviaturas («Bibliografia das fontes de datações etimologia», pp. LXVI-LXXXIII), sendo ela expressamente citada no «grande» Morais Silva: «A apurada já com segurança nos mais recentes trabalhos sobre o assunto, em que podem lançar muita luz o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, por Antenor Nascentes, os *Comentários a Alguns Arabismos* do mesmo Dicionário, por José Pedro Machado, os trabalhos de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, de Augusto Magne, etc. Em caso da conjectura provável, o ponto de interrogação da dúvida, e em caso de desconhecimento, a declaração franca de «etimologia desconhecida».», vol. I, p. 14. Deve-se esta consideração sem dúvida ao co-autor do maior dos dicionários portugueses, José Pedro Machado. A acrescentar talvez que este dicionário fornece ocasionalmente primeiras datações ignoradas pelos dicionários etimológicos (inclusive Machado).

7 Francisco Adolfo Coelho, *Dicionário manual etimológico da língua portuguesa*, Lisboa: Plantier s.d. [1890]. Cf., por exemplo, a apreciação em *Miscelânea Adolfo Coelho*, vol. I, pp. 22-24 (A. Nascentes) e 25-30 (E. Paxeco).

de Coimbra Carolina Michaëlis de Vasconcelos» ou, precisamente, os trabalhos de Carolina Michaëlis de Vasconcellos.

### 3

Estes trabalhos encontram-se dispersos por séries temáticas ou nos comentários e glossários. Na base desta minha intervenção encontram-se trabalhos de Carolina de Michaëlis de Vasconcellos que cobrem o período que vai de 1882 («Etimologias Portuguesas») a 1925 («Miscelas etimológicas»). Por vezes trata-se apenas de breves apontamentos, sobretudo nos glossários, na maior parte dos casos, porém, estamos perante uma análise pormenorizada de questões etimológicas e da história da palavra em questão. Os exemplos por ela avançados são tiradas quase sempre do sector em que se enquadravam os seus estudos da história da literatura ou da cultura, e, à semelhança destes, não devem jamais ser considerados isoladamente. Carolina Michaëlis de Vasconcellos recorre sempre a uma técnica de trabalho filológica e romanística — ou seja, baseando-se em textos (é espantoso constatar de quão vastos conhecimentos dispunha não apenas no campo literário como também no da literatura digamos administrativa), tem conhecimentos linguísticos sólidos e conhece a fundo a discussão linguística (que, na altura, era ciência viva). Contribuições de que diz Gonçalves Viana «Na sua maior parte estas etimologias estão abundantemente documentadas, como, em Portugal, sómente a vastíssima erudição filológica da autora o pode fazer...» (1908: 239). Ou, nas palavras de Jacinto Prado Coelho «Rigor de método e multimoda cultura são suas virtudes primordiais».<sup>8</sup>

A este elogio, Carolina Michaëlis de Vasconcellos responde com uma modéstia consciente:

Dunklen Stoffs genug für den Kommentator. Zu viel sogar für einen, der, den Quellen nahe und doch so fern, über so dürftige historische Hilfsmittel verfügt wie ich (*Randglossen* 1901: 132).

[Terreno por desbravar suficiente para o comentador. Demasiado mesmo para alguém que, como eu, tão perto e oh! tão longe das fontes, dispõe de tão escassos recursos como eu.]

Ao mesmo tempo está bem consciente da posição de excepção que é a sua, podendo permitir-se uma crítica global, segundo o esquema:

---

8 *Dicionário das literaturas portuguesa, galega e brasileira*, p. 834.

Inclinado, tal qual em Portugal o nosso Leite de Vasconcellos (e o benemerito Gonçalves Viana, de saudosa memória) a explicar termos nacionalizados por evoluções exclusivamente fonéticas, complicadas, inverossímeis e não documentadas às vezes... (1925: 455).

Para depois acrescentar, como nota de pé de página:

Não seria excessivo falar de sugestionismo fonético, embora, dentro das evoluções fonéticas, êlas admitam também influxos analógicos.

Nesta passagem Carolina de Michaëlis de Vasconcellos discutia precisamente a etimologia de *marfim* por ela defendida, vendo-se obrigada a ouvir de Juan Corominas:

sólo C. Michaëlis... se obstina en su antigua etimología: *alfil* «elefante» cruzado con *mármol*. Repetidas veces he rechazado por razones metódicas estos cruces de voces de significado heterogéneo, que sólo pudieron producirse en la mente de un filólogo obsesionado por una preocupación etimológica...<sup>9</sup>

Ainda que a sua imersão na cultura portuguesa seja admirada (cita-se sobretudo o livrinho da sua autoria sobre a *saudade*), e sublinhado o trabalho pioneiro realizado com as *Cantigas* medievais, a verdade é que não faltam as críticas. Rodrigues Lapa pensa ter de constatar:

A crítica da eminente romanista é, como se vê, um modelo de incompreensão estética. Esse desajuste e aparente inconsequência, que tanto a impressionaram, é que constituem o supremo encanto da poesia (...).<sup>10</sup>

Também Gonçalves Viana critica ocasionalmente:

A propósito da palavra *entrêvado*, diz-nos a autora (p. 47) que o povo «transforma o termo, dizendo *emprêgado* [por *empregado*] (como se derivasse de *prêgo*, *epigrus*) e *entrêgado*». — Será assim no Pôrto, mas em Lisboa ninguém pronuncia de tal modo o segundo *e* (1908: 244).

Quando se trata aqui de interpretações rigorosamente científicas, a vertente didáctica da formação académica é uma parte importante das actividades docentes de Carolina Michaëlis, de que as *Lições* são testemunho eloquente:

- ◀ Lembranças apenas. Ideias. Criações de um momento. Etimologias sem documentação alguma. Eis o que são as Nótulas que hoje ofereço aos leitores desta Revista. Exemplos característicos da invencionice caprichosa e bem-humorada que distingue a mocidade académica. Foi em contacto com os meus ouvintes que, em qualquer das minhas Lições de Filologia portuguesa, no constante empenho de lhes apresentar e explicar forma-

9 DCECH 3,849a, s.v. *marfil*.

10 Lapa (1970: 14) (interpretação de «Non me posso pagar tanto»).

ções linguísticas privativamente portuguesas, — amostras daquele vegetabilismo exuberante, de ingenua espontaneidade que distingue as artes e letras nacionais — oportunamente lancei (ou *trovei*) as origens de *piegas*; *caturra*; *cábula*; e *caloiro* (1917: 316).

Curioso o título alemão «Etymologische Einfälle» de um texto português numa revista portuguesa<sup>11</sup> e característico o sublinhar do «tipicamente português (ou nacional)».

Cite-se de passagem a riqueza expressiva do estilo de Carolina Michaëlis de Vasconcellos, um domínio da língua hoje praticamente perdido. Apenas dois exemplos escolhidos ao acaso: por um lado, a arte de dizer muito em poucas palavras:

Als ich den Anfängen der Don-Juan-Sage (übrigens erfolglos) nachging... (*Randglossen* 1896: 187).

Por outro, a arte de definição, neste caso do verbo *ambrar*:

...Ich denke, damit sei die Gangart der Südländerinnen gemeint, die sich durch Tragen von Lasten auf dem Kopfe daran gewöhnen, in sehr gefälliger Haltung mit steifem Nacken und aufrechter Büste, doch auffälliger Bewegung der Hüften einherzuschreiten (*Randglossen* 1896: 207).

#### 4

Mas passemos agora a alguns exemplos concretos, sendo interessante saber o que pensava da lexicografia portuguesa e, sobretudo, quais as repercussões dos seus estudos etimológicos e da história das palavras.

Para Carolina Michaëlis de Vasconcelos a utilização dos grandes dicionários da lexicografia portuguesa, de Bluteau a Caldas Aulete ou Figueiredo, mais actuais, passando por Morais Silva (em diferentes

---

11 Regra geral separa os idiomas em que pratica. Ver também «Da die kleine Schrift [Leite de Vasconcellos, Dialectos Estremenhos] im Ausland so gut wie unbekannt ist, biete ich in dieser und der nächstfolgenden Anmerkung den ganzen Artikel...» (1905: 614-615, nota 7). Para a discutida questão da língua de publicação de textos científicos ver também o comentário de M. Rodrigues Lapa: «O primeiro [texto] é deveras significativo por ser escrito em português, o que em revista científica estrangeira tem considerável importância e é de certo modo excepcional, como é excepcional o cuidadoso português que ali se compõe, sem os erros ridículos, as deturpações afrontosas, habituais em casos análogos», M. Rodrigues Lapa, «Portugal na Alemanha», *Miscelânea de língua e literatura portuguesa medieval*, Coimbra: Universidade 1982, pp. 401-408 (402) [= *Língua Portuguesa* 2 (1930-1931), pp. 364-369], recensão de Cláudio Basto, «Emprego translato de nomes de animais na língua portuguesa», *Volkstum und Kultur der Romanen* 4 (1931), pp. 65-71.



edições), Constâncio ou Domingos Vieira, é algo de evidente, não poupando porém nas críticas. Assim, desculpa uma etimologia errônea de Friedrich Diez com um «... irregeführt durch die untauglichen Definitionen nationaler Lexikographen» (1905: 607). Ao discutir *gronho* (como qualificativo de certas maçãs e peras) introduzido pela primeira vez por Morais Silva a partir de uma passagem do *Cancioneiro Geral*, constata:

Desejo e espero que todos os leitores dirão, um pouco admirados: «Que quer dizer *gronho*? Nunca ouvimos tal palavra.» Confesso que também ha pouco a desconhecia. Lubriguei-a apenas nos vastos, tristonhos mas indispensaveis cemiterios da lingua — nos Diccionarios... (1887/1889: 301).

Para depois, poucos anos mais tarde, pedir desculpa e anular esta objecção, dizendo que se trata na realidade de um termo técnico, cuja etimologia, ao que parece, não é clara (1895: 168-169). Ambas as possibilidades apresentadas pela filóloga — *negronho* ou uma forma deonímica de *Logroño* — merecem consideração. Entre os dicionários concretos, Bluteau assume para ela uma posição de excepção, por exemplo ao afirmar:

Bluteau, que parece ter visto mais claro do que os posteriores lexicógrafos, comquanto se abstenha por completo de propostas etimológicas, define *lampa* como: «cousa que se manda para o dia de S. João de presente», e s.v. *lampus* como «presente de figos» (1908: 11, nota 1).

No entanto, Carolina Michaëlis não consulta sempre Bluteau e forçoso é constatar que, até hoje, os «posteriores lexicógrafos» não exploraram sistematicamente Bluteau: Houaiss parece ser o primeiro a fazê-lo de uma forma completa. Carolina Michaëlis de Vasconcellos usa com muita frequência o dicionário de Caldas Aulete, seu contemporâneo, sem porém poupar nas suas críticas. Um exemplo:

Dieses Zeitwort [*inçar*] wird am besten von Caldas Aulete (richtiger von Santos Valente, dem eigentlichen Verfasser des *Diccionario Contemporaneo*) definiert (1905: 610)

ou

das moderne, und im Ganzen gute, nur im etymologischen Teile ganz unbrauchbare [Lexikon] von Caldas Aulete... (1883: 103).

De uma forma global acusa os peritos na matéria de não levarem suficientemente em conta a tradição histórico-literária. Um exemplo, onde se refere à conjunção *em que*:

Ein Beweis dafür wie wenig die alten portugiesischen Autoren gelesen werden! (1883: 109).

Pelo seu lado, a filóloga caracteriza-se especificamente pelo conhecimento profundo e pelo aproveitamento de fontes históricas, sejam elas de natureza literária ou administrativa. Assim, a legislação ou as «Ordenações» são-lhe tão familiares como o são os grandes historiógrafos ou, como ela própria confessa, a famosa «tabela dos preços» ou lista alfandegária de 1253, um documento que não foi, até hoje, explorado na sua globalidade em nenhum dos dicionários actuais.<sup>12</sup>

## 5

Um fenómeno muito interessante do ponto de vista ético e de história da ciência é a atribuição da autoria de uma etimologia conseguida. Por vezes devido a razões estranhas ao trabalho em si — por exemplo, um volume pré-determinado — os dicionários dão um tratamento diferenciado a esta questão. Regra geral, porém, as obras de consulta incluem apenas uma informação sucinta sobre a origem, sem qualquer referência ao debate científico ou à autoria. Um hábito que, sobretudo quando de palavras não claramente esclarecidas, pode ser bastante desagradável: sem para tal se chamar a atenção do leitor, escolhe-se apodicticamente uma de entre várias explicações possíveis.

Assim, e para dar apenas um exemplo, seria de questionar qual das informações correspondentes a *elo* «argola de corrente; grilhão; gavi-

---

12 «Wären diese *Randglossen* speziell für Portugal bestimmt, so müßte ich über *celandal*, *sendal*, *sindal* Längeres und Breiteres mitteilen, da ein so gründlicher Kenner des Mittelalters wie Gama Barros I 534 bekennt, er wisse nicht was das im *Elucidario* fehlende Wort bedeute. Da ich dem Ausland jedoch nichts wesentlich Neues über Stoff, Farbe, Wert und Verwendung zu bieten habe, verweise ich die hiesigen Forscher auf Fr. Michel's *Recherches sur les Etoffes de soie* (Paris 1852) und P. Meyer's Anmerkungen zum Flamenca-Roman; Du Cange s.v. *celandalus*, *sendalus*. — Was Portugal betrifft, so sei nur bemerkt, daß *celandal* auffallenderweise in der Preistabelle vom J. 1253 nicht vorkommt, wohl aber in der Kleiderordnung Alfons IV. Im Liederbuch begegnen wir ihm in CV 847 und 948 (in Braga's Ausgabe auch noch in No. 1031); bei Alfons X. in CM 292,14. — Als Futterstoff steht es meist gegensätzlich der *penna*, d.h. dem Pelzfutter gegenüber. Wo es sich um Wertangabe handelt, neben Sammet und Purpur oder Scharlachtuch» (*Randglossen* 1901: 139), «...quando D. Alfonso III fez elaborar em 1253 a famosa tabela de preços à qual terei de recorrer mais de uma vez para documentar vocábulos raros» (1910: 268).

na» é a mais correcta: «Do lat. *anellus*» (assim o actual *Dicionário da Academia das Ciências*), «Do lat. *ānellus*, -ī, através de uma forma \**āelo*» (como formula Cunha 289a, sem subordinar esta forma à entrada principal *anel*), «lat. *annellus*, i [sic] ‘anelzinho, anel’, através de uma forma \**aelo* [sem qualificar o *a*]» (assim Houaiss 1112c) ou «Por outro lado, o lat. *anellu-* originou em port. arc. *ãelo* [com remissão à contribuição de Carolina Michaëlis, sem contudo mencionar o seu nome], donde *elo*» (como argumenta Machado, DELP 1,251a). Alguém terá encontrado a etimologia correcta, antes de ela se tornar do domínio público. Provavelmente terá sido Carolina Michaëlis de Vasconcellos (1887/1889: 301).

Seguindo este esquema poderia apresentar numerosos exemplos, como seja *toscanejar*, do qual diz:

*Toscanejar* é um termo metaphorico, por meio do qual o povo graceja, rindo do dorminhoco que quando devia conservar-se acordado, está a cabecear e cahir com somno, abrindo (muito pouco) e fechando a miude os olhos, como se fossem um par de tesouras de tosquiar. Um poeta do *Canc. C. Br.*, nº 1:359, já dizia no seculo XIII ou XIV: «*e tosquiavam estes olhos meus*». – Penso que *toscanejar* é uma contaminação dos verbos *tosquiar* e *pestanejar*, que ambos tinham a mesma significação (1895: 187).

Esta etimologia é retomada por Nascentes, com menção da primeira datação e da autora desta etimologia, e no «grande» Morais Silva.<sup>13</sup> Machado, coeditor do Morais Silva, não conhece esta explicação, mas, sem mais fundamentações, põe a hipótese de existir um relacionamento com *tosquiar*.<sup>14</sup> Figueiredo pergunta «de *toscar*?».<sup>15</sup> Cunha não cita esta palavra, Houaiss avança «cruzamento de *tosco* ‘rude’ e *pestanejar*» como etimologia não justificada.<sup>16</sup> Ao contrário do que acontece com quase todos os dicionários actuais, este verbo já

13 Em anteriores edições remete-se para Nunes do Lião, por exemplo, *Diccionario da lingua portugueza* por Antonio de Moraes Silva, 7.<sup>a</sup> edição melhorada, e muito accrescentada com grande numero de termos novos usados no Brasil e no portuguez da India, 2 tomos, Lisboa: Souza Neves 1877, tomo II, p. 763a.

14 DELP 5,319 «De *tosquiar*? Séc. XVI, segundo Morais<sup>2</sup>, onde também se citam *tosquenejar*».

15 Vol. I, p. 626b, também nas edições posteriores.

16 P. 2740b. Contraditória igualmente a datação: enquanto cita *tosquenejar* a.1569 (Cardozo) como primeiro testemunho, inclui uma entrada própria *tosquenejar*, datada de 1886.

não é citado pelo Dicionário da Academia das Ciências (2001). Posso citar, como primeiro testemunho:

mas este coração posto q(ue) era bõ letrado, e grande escriuã, e notador se(m)pre *tosquoneiaua ou durmitaua*, e pore(m) mete(n)doo e(m)patrica falaua como home(m) letrado, e discreto, e por aqí podeis ver quãto faz o costume...

Encontramo-lo nos bem conhecidos «Colóquios dos Simples», de Garcia d’Orta, datados de 1563,<sup>17</sup> uma outra obra que nunca foi explorada lexicograficamente de forma sistemática. Por fim, é de citar mais uma vez Bluteau. Este autor remete a Duarte Nunes do Lião, que, bem no espírito de Carolina Michaëlis de Vasconcellos, inclui *toscanear* entre os «vocábulos que os Portugueses tem seus nativos, que não tomaraõ de outras gentes que nós saibamos» (Nunes 1784: 102) e remete para os dicionários de Cardoso, Barbosa e a «Prosódia» de Pereira.

## 6

Podia apresentar numerosos exemplos interessantes de etimologias encontradas ou discutidas por Carolina Michaëlis de Vasconcellos. O par *filhó/beilhó*, comunmente reconduzido a \*FOLIOLA,<sup>18</sup> é especialmente interessante, reduzindo-se a questão formal à variante *beilhó* (ou *bilhó*), explicada, por cruzamento popular com *bolo*.<sup>19</sup> Ambas as denominações mereceriam possivelmente uma análise material e dialectal mais pormenorizada. O significado básico é claramente «bolo chato frito em óleo», devendo pôr-se em questão a denominação «filhó mourisca» utilizada por Bluteau. A dificuldade culinária situa-se entre a *filhó* tradicional portuguesa «feita de abobora-doce, farinha e vários condimentos»<sup>20</sup> e a *filhó* tipo crêpe, a que corresponde a *filloa*

17 P. 155b (Colóquio 41, tratando do ópio ou *amfião*). Na edição do Conde Ficalho, inutilizável para estudos de história da língua, a passagem lê-se como segue: «... sempre *toscanear* ou *durmitava*» (vol. II, p. 175).

18 A especificação fonética de Houaiss 1342b é de difícil compreensão: «orig. contrv.; lat. \**foliōla*, pl. de *foliōlum* por *foliōlum*, dim. masc. de *folium*, i ‘folha’».

19 «Em última análise, *belhó*, *bilhó* apresentam-se como continuadores do antigo *bolhó*, influenciados por *filhó*, no que respeita ao sentido, e por *bolo* quanto ao *b-* inicial», M.L. Wagner, *Revista Portuguesa de Filologia* 6 (1953/1955), p. 20.

20 Cf. Giacinto Manupella, no «Glossário» do *Livro de Cozinha*, p. 176-177. Não se trata contudo de uma iguaria típica de Coimbra.

galega. O significado avançado por Viterbo para *beilhoos* «castanhas assadas e limpas já de casca», retomado nos dicionários, que se encontraria na *bilhó* da Beira Alta, não parece muito correcta. A passagem por ele citada de um texto datado de 1508 não permite praticamente esta interpretação, correspondendo claramente à denominação clássica.<sup>21</sup> Não posso aprofundar hoje e aqui esta problemática, mas não posso deixar de remeter mais uma vez a Bluteau, cujo nome nunca aparece no debate. Diz ele:

[beilhó:] Massa em que entrão ovos, manteiga, açúcar, &ca. a modo de sonhos. He huma specie de golodice quasi da feição da que os antigos chamavão *Artolaganus*, *i Masc. Plin. Cic.* «Deste modo se fazem sonhos, ou *Beilhos*», *Arte da cozinha*, p. 135 (vol. 2, p. 87, s.v. BEILHO).

[filhó:] Golodice de maça, q(ue) tem alguma semelhança com o que Horacio chama *Laganum*, *i. Neut.* Porque a *filhò Mourisca* he feita de maça, estendida, & delgada, frita no azeite, & passada por açúcar, ou por mel, & na explicação da palavra *Laganum*, allega Martinio com hum Diccionario antigo, que diz, *Fiunt lagana de pasta*, quasi quædam membranulæ, que quandoque statim in oleo friguntur, & postea melle condiuntur etc.<sup>22</sup>

De assinalar o significado de *filhó* em sentido figurado dado por Bluteau, ao considerá-la como uma *cataplasma* preparada no óleo.<sup>23</sup> Também aqui algumas atestações mais antigas mas igualmente interessantes: «singulas sartaginatatas de *foloos* (...)» a.1258 PMHI<sub>nq</sub> 685a corresponde perfeitamente ao que parece (e à excepção dos ingredientes) à receita de *beilhos darroz* no «Livro de Cozinha» da Infanta

21 «Em Xofeens som doze cabaneiras, e de todas seis duzeas de *beilhoos*, e dê cada hum huum capam. Em Freiximil dê cada huum hua fogaça, e quatro duzeas de *beilhoos*» (documento da Universidade), *Elucidário* 2, p. 26. Cf., no entanto, D. Carolina: «*belhó*, pronunciado também *bulhó*, designa em Tras-os-Montes exclusivamente a castanha pilada (= descascada ou debulhada) e nunca um bolo de farinha (nem o de massa delgada e estendida como *folha*, nem tampouco o que é da finura de *fió*)...» (1895: 133).

22 Vol. 4, p. 121. Esta palavra, de origem grega, LAGĀNUM, segundo REW 4850 «eine nicht näher zu bestimmende Speise», sobrevive em formas variadas no Sul da Itália.

23 «Filhò. Cataplasma. Emplastos. Nestes oleos coados se frija hũa *Filhò* de estopa enopada em tres gemas de ovos batidos, &ca, & a porãõ sobre o embigo. *Curvo, Observac.131*» (vol. 4, pp. 121-122).

D. Maria de Portugal, escrito por volta de 1500.<sup>24</sup> E Valentim Fernandes anota, referindo-se a S. Tomé:

Estes ynhames vsam em lugar de pam / comem no assado e cosido com carne e peixe E raspam no e fazem delle *filhoos* e todos outros manjares como nos do pam.<sup>25</sup>

## 7

Um outro exemplo ilustra bem tanto a erudição de Carolina Michaëlis de Vasconcellos quanto o funcionamento da lexicografia portuguesa. *Louro*, no significado de «papagaio» é, de acordo com Houaiss, uma palavra muito recente na língua portuguesa, datada de 1919/21, ou seja, a data de publicação do *Glossário luso-asiático* de Rodolfo Sebastião. Cunha dá o ano de 1881 (ou seja Caldas Aulete) e fala «de origem controversa». Machado cita a explicação de Dalgado, sem dar uma atestação histórica. Na verdade, falta por exemplo a denominação em Bluteau, em Vieira ou na 7.<sup>a</sup> edição do Morais Silva. Na primeira edição de Figueiredo *loiro* «papagaio» está inserido como popular no adjetivo *loiro*, completado com a pergunta «do lat. *aureus*?» (vol. II, p. 58). Na sétima edição, *loiro* ou *louro* recebe uma entrada individualizada com a indicação da etimologia malaia. Paralelamente encontramos neste importante dicionário, sem remissão a *loiro*, a entrada individual «*nore* s.m. o mesmo que *loiro*, papagaio», remetendo para as *Décadas* de João de Barros (vol. II, p. 447); esta entrada foi depois incluída no Morais Silva, igualmente sem remissão a *louro* (vol. VII, p. 319). Em anteriores edições desta obra encontrava-se porém já a entrada «*nóre*, s.m. Passaro das ilhas Molucas; especie de papagaio», com uma remissão a Couto.<sup>26</sup> Nascentes (1932: 473) reproduz a situação em que se encontrava o debate na altura, cita Lokotsch e Gonçalves Viana, ignorando porém o debate surgido entre este e Carolina Michaëlis de Vasconcellos. Nenhum outro lexicógrafo português cita

24 Pp. 72-75. Contém outra indicação interessante: «tomay aquelles veos do cabrito e fazeios e(m) pedacinhos emtaõ o rrecho metido naquelles veos fritos como *beylhos*» [a.1500] LCozinhaDMaria 32.

25 [a.1507] CodVFernandes, pp. 175-176 (S. Tomé).

26 7.<sup>a</sup> Edição (1878), vol. II, p. 358a.

o resumo de Lokotsch<sup>27</sup> ou remete para o REW 5125a, onde se citam a etimologia malaia e os seus correspondentes em espanhol e catalão.<sup>28</sup>

Como ponto de partida surge Gonçalves Viana que, nas suas *Apostilas*, propõe a etimologia malaia *níri* ou *nóri* (1906/2: 83). Carolina Michaëlis de Vasconcellos (1908: 52-53) segue esta proposta e apresenta, como primeira atestação, uma passagem da quarta «Década» da *Ásia* — de, segundo ela, João de Barros e não Diogo do Couto, erro repetido por Corominas, Figueiredo e outros — independentemente de Bluteau já que pelo menos a citação da localização dessa passagem não corresponde. Viana responde:

A etimolojia malaia de *louro* não é minha; mensionei-a nas Apostilas, e não me recordo onde a vi. É curiosíssimo a forma *nores*, que se me aponta em João de Barros, poque é quâsi a transcrição fiel do malaio *nóri*. ¿Qual seria, porém, o singular, *nor* ou *nore*? Ocorrerá este singular em outro escritor português? (1908: 241-242).

Também aqui vamos encontrar mais uma vez Bluteau como ponto de partida, ao citar a passagem completa da 4ª Década de Diogo de Couto,<sup>29</sup> que, ao que parece, se reporta a uma anterior descrição das Molucas:<sup>30</sup>

Destes papagaios, a que chamão *nores*, ha alguns que ensinados fallão bem, entre os quaes ouvi de hum que, estando são, disse: «Morro, morro!» E morreo logo.<sup>31</sup>

27 «Mal. *lori*: 'Art Papagei', bes. auf den Molukken, seit dem XIV. Jahrhundert in Südindien und seit dem XVI. Jahrhundert in Europa eingeführt, auch *nori* [Pjn 212]; hieraus frz. *lauri*, *loury*, sp. *loro*, pg. *louro*, *nore*, it. *nuro*; engl. *lory*, *loory*, (alt) *nory*, *nury*, ndl. *noeri*, dt. *Lori* [und hiernach häufig *Lora*]» (1337).

28 «Kat. *llori*, sp. *loro*, port. *louro*, vgl. dt. *Laura* als Name der Papagaien».

29 «Decad. 4. de Couto, 1, 140. col 2.», vol. 5, p. 747 (s.v. *nore*).

30 Cf. «História das Malucas» (a.1561) und «Informação das cousas de Maluco» (a.1569) por Gabriel Rebello, DocInsulíndia 3,192-343 e 345-508. Cf., acerca da importância desta documentação, Kremer (2003).

31 a.1569 DocInsulíndia 3,371, com a variante (a.1561): «Ha muitos papagaios de muitas cores e feições e nomes», *ibid.*, p. 310.

Pessoalmente posso atestar *nore* já para os anos 1516 e 1523:

Nestas ilhas de Bandão e Maluco ha muitos papapaios vermelhos e de muitas fermosas cores, muito domesticos, a que os mouros chamam *nores* e são muito estimados antre eles.<sup>32</sup>

o dito rey de Maluco e el-rey de Tidore, sabendo que elle, testemunha, era chegado a Banda, lhe mandara obediencia, com dous *nores* de presente.<sup>33</sup>

Sendo a primeira passagem já citada no célebre *Hobson-Jobson* de 1886,<sup>34</sup> na tradução espanhola de 1524 escreve-se *nore*. A forma *louro* encontra-se integrado no léxico português pelo menos desde Bacellar (1783: 429). Ao que parece e no que respeita à língua portuguesa, a etimologia é clara, e a mudança *l/n* e a interpretação popular da cor *louro* não constituem qualquer dificuldade. No entanto, o espanhol *loro*<sup>35</sup> só muito dificilmente pode ser separado do português *louro*. De acordo com Corominas, esta forma encontra-se atestada desde 1540, era compreendida no México como uma denominação espanhola e é explicada por Corominas pelo caribenho *roro*: existiriam assim possivelmente dois étimos diferentes para as denominações espanhola e portuguesa.<sup>36</sup>

Confesso que é um pouco difícil seguir este raciocínio. Na verdade, as denominações indígenas e espanholas misturam-se numa passagem do inca Garcilaso de la Vega, entre os diferentes tipos de papagaio só a denominação *guacamayaca* é original da região, como denominações europeias encontramos para além de *loro* também *periquillo* e

32 a.1516/1518 BarbosaOriente 2,403, com as variantes *nure*, *nurre*.

33 a.1523 DocInsulíndia 1,179.

34 Pp. 521-522, s.v. *lory*. A primeira atestação parece ser «quos *nuros* appellat hoc est lucidos» [a.1430] (Conti), *ibid.*, p. 522, provavelmente de pers. *nūr* «luz».

35 A forma catalã *llori* citado no REW e no FEW provavelmente não existe, o catalão usa a forma *lloro* como castelhanismo paralelamente à forma *papagai* (*papagall*) (DCVB 7,58; DECat 5,270) e um outro castelhanismo *guacamai* (cast. *guacamayo*).

36 DCECH 3,696s. É equívoca a informação do FEW 20 (1968) 103a: «*Lori* (mal.) art papagei. Nfr. *lori* m. 'genre de perroquets' (seit 1787, BernSPierre). — Auch kat. *llori*. Sp. *loro* aber kommt wahrscheinlich aus der mundart der Karaiiben, Friederici 348. Dazu noch RLE 56,211.» Contradiz FEW 19 (1967) 14-15, nota 5: «Zu einer ähnlichen verdrängung von sp. *papagayo*, pg. *papagaio* vgl. Die volkstümliche bezeichnung pg. *louro*, sp. *loro* aus mal. *nūri*, Dalgado 1,533b; Hobson 521b».



*catalnilla*.<sup>37</sup> Na verdade, parece estarmos perante a denominação da cor *louro*, sendo necessário porém um estudo mais aprofundado do semantismo desta palavra. Seja como for, a cor de pele *loro* caracteriza os índios americanos<sup>38</sup> e os escravos das Canárias.<sup>39</sup> E um português identifica sem dúvida o papagaio pela cor verde-amarelo da cabeça, a saber se a cor *louro* pode ter este matiz. Mas parece-me convincente explicar *louro* a partir do malaio *nore*, com cruzamento popular de *louro*. Esta interpretação poderia ver-se eventualmente cimentada pelo caso paralelo em francês *perroquet*, na gíria «copo de absinto» e actualmente «mélange de pernod et de menthe».<sup>40</sup>

## 8

Podia continuar com muitos outros exemplos para ilustrar os vários aspectos da investigação lexicográfica de Carolina Michaëlis de Vasconcellos. Estes aspectos dizem respeito à história cultural (*ratinhos*), aos dicionários em geral e, sobretudo, à discussão histórico-etimológica e à sua repercussão no mundo romanístico e lexicográfico. São casos interessantes, por ordem alfabética, *ameixa/ameijoa*, *arlota*, *banha*, *brinco*, *castiçal*, *chouriço*, *coteife*, *espantar*, *garvaia*, *ichó*, *ilhó*, *joguete*, *morcela*, *queijada*, *tourão*, *trapaz*, etc., dos quais não posso tratar aqui por falta de tempo e para evitar o «toscanear» geral, sendo a temática pouco indicada para uma apresentação oral...

---

37 «A los muy chiquillos llaman *periquillos*; a otros algo mayores llaman *catalnillas*; a otros más mayores que hablan más y mejor que los demás llaman *loro*. A los muy grandes *guacamayacas*; son torpísimas para hablar, mas nunca hablan; solamente son buenas para mirarlas, por la hermosura de sus colores y plumas. Estas diferencias de papagayos han traído a España para tener en jaulas y gozar de su parlería; y aunque hay otras más, no las han traído; debe de ser porque son más torpes» a.1609 Garcilaso de la Vega, el Inca, §442 (= CORDE). Cf. también «En Potocsi, por los años de mil y quinientos y cincuenta y cuatro y cincuenta y cinco, hubo un papagayo de los que llaman *loro*, tan hablador, que a los indios e indias que pasaban por la calle les llamaba por sus provincias, a cada uno de la nación que era (...)

38 Cf. «era delgado de pocas carnes, la color baza, como de *loro*, de la manera que todos los de su nación» [Montezuma] a.1560 F. Cervantes de Salazar, *Crónica de la Nueva España* §436 (= CORDE).

39 Ver Kremer (2001: 355).

40 FEW 8 (1958: 331a).

É certo porém que outras propostas de interpretação não foram tão felizes ou aceites pelos especialistas. Assim, por exemplo, *sison* que nos aparece num contexto óbvio e como alcunha, é por ela interpretada como variante regional de *pintassilgo* e cuidadosamente relacionada com o francês *sansonnet* (vindo este do nome pessoal *Samson*) (1920: 86). No entanto, não conhece todas as atestações das *Cantigas d'escarnho e maldizer*. Trata-se claramente do português *sisão* «pernalta da família das abetardas, caracterizada por uma constante expulsão de gases fétidos», tal como esclarece Rodrigues Lapa, sem porém se referir à interpretação de Carolina de Michaëlis de Vasconcellos. O nome não vem nos dicionários etimológicos, é porém já citado por Bluteau.<sup>41</sup>

Só de passagem queria mencionar que Carolina de Michaëlis de Vasconcellos não descuidou o mundo dos nomes. Como especialista das *Cantigas*, em particular os d'escarnho e maldizer, e por exemplo os *Livros de linhagens* medievais era de facto difícil ignorar esta importante fonte do comportamento linguístico e léxico popular. Nota-se, porém, a falta de experiência com esta matéria que só a partir da magistral *Antroponímia portuguesa* de Leite de Vasconcellos<sup>42</sup> se

41 Vol. 7, p. 663: «Ave do tamanho de Adem, entre branco, & pardo, com colar preto no pescoço. Não sey que tenha nome proprio Latino (Garçotas, *Sizoens & Zambralhos*, Arte da caça, p. 41)». O dicionário de Bivar, até hoje menosprezado, dá duas identificações: «nome vulgar da ave limícola, *burhinus oedicnemus*, também chamada *alcaravão*, *galinha-do-mato*, etc. E da ave alectórida, *otis tetrax tetrax*, também chamada *siseirão*, etc.» As características citados por Rodrigues Lapa não são identificáveis na literatura especializada, sendo característico a suspeita, a desconfiança, ver p.ex. Roger Peterson, Guy Mountfort, P.A.D. Hollom, *Guía de campo de las aves de España y demás países de Europa*, segunda edición, traducción y adaptación española por Mauricio González Díez, Barcelona: Omega (1967: 134). Não se cita *sisão* ou *siseirão* em Delmira Maçãs, *Os animais na linguagem portuguesa*, Lisboa: Centro de Estudos Filológicos (1950).

42 *Antroponímia portuguesa. Tratado comparativo da origem, significação, classificação, e vida do conjunto dos nomes próprios, sobrenomes, e apelidos, usados por nós desde a Idade-Média até hoje*, Lisboa: Imprensa Nacional (1928). Cf. também José Pedro Machado, *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*, 3 vols., Lisboa: Editorial Confluência [1984], e Dieter Kremer, «Bemerkungen zu den mittelalterlichen hispanischen *cognomina*», I a VII, em: *Aufsätze zur portugiesischen Kulturgeschichte* 10 (1970: 123-183), 11 (1971: 139-187), 12 (1972/1973: 101-188), 13 (1974/1975: 157-221), 14 (1976/1977: 191-298), 16 (1980: 117-205), 17 (1981/1982: 47-147).

converteu numa área de investigação séria. Ao lado de alguma interpretação ou tradução bem conseguida, do tipo «... um seiner Jovialität willen, den Scherznamen *o Pinto* (= das lustige Hühnchen) führte» (*Randglossen* 1896: 194) encontramos uma equiparação questionável entre nome pessoal e lexema em *Lope*, *López* que «traduz» por *lobo* e *Wolfsohn*.<sup>43</sup> Continua no entanto válida a sua apreciação global ainda que tingida pelo pudor da época:

Dass ein großer Teil der altportug. Familiennamen ursprünglich Spitznamen, *alcunhas*, für ein einzelnes Familienmitglied waren; dass die unausrottbare Sitte, Jedermann solch ein individualisierendes Beiwort anzuhängen, noch heute in üppigster Blüte steht und besonders vom Volke und der Jugend in Schule und Universität gepflegt wird, habe ich schon öfters Gelegenheit genommen zu erwähnen. — In diesem Aufsatz begegnen uns an solchen *sobrenomes* [s. CV.1070,363 und *Scriptores* I p. 383]: *Esgaravunha*, *Alvelo*, *Vuitorom* (?), *Pinto*, *Baveca*, *Gata*. Der *Cancioneiro* bietet noch viele andere: *Camela*, *Bodalho*, *Sacco*, *Bolo*, *Chora*, *Cheira*, *Corpo-delgado*. Im Adelsbuche kommen sie auf jeder Seite vor — oft von so barbarischer Rohheit, dass die Feder sich sträuben würde, sie nachzuschreiben — oft aber auch von kraftvoller Schönheit: *Cabellos d'Ouro*, *Das quatro mãos*, *Mãos d'Agua*, *Bel-Pastor*, *Lucifer*, *Pão-centeio*, *Tiçom*. Ein hübsches Beispiel lese ich aus dem Livro de Linhagem p. 169 und 334 auf. Da erscheinen als Kinder des *Pero Soares Escaldado*: *Joam Pires Redondo*, *Pero Pires Coelho*, *Martim Pires Zote*, *Pero Pires Bravo* und *Maria Pires Brava*... (*Randglossen* 1896: 200, nota 2).

## 9

Como acabámos de nos referir a «saudade», gostaria de me debruçar ainda muito rapidamente sobre esta palavra chave, estudada por Carolina Michaëlis de Vasconcellos. Nascentes apresenta o melhor e mais pormenorizado resumo do debate etimológico, focando igualmente uma possível interferência árabe (*saudá*), não citada nos dicionários actuais. Cunha e, posteriormente, Houaiss, referem apenas a etimologia comunmente aceite do lat. SŌLITĀTE, sem tocarem na questão

---

43 *Randglossen* (1902: 61) e segs. Cf. Dieter Kremer: «Le loup dans l'anthroponymie romane», em: *Studia ex hilaritate. Mélanges de linguistique et d'onomastique sardes et romanes offerts à Monsieur Heinz Jürgen Wolf*, publiés par Dieter Kremer et Alf Monjour, Strasbourg-Nancy: Klincksieck (1996: 211-225).

*soidade/saudade*,<sup>44</sup> Machado (como também no grande Morais Silva) resume «com provável influência de *saúde*», uma explicação já antiga. Cláudio Basto referira-se a uma «falsa latinização», tese decididamente rejeitada pela filóloga:

Temos de recorrer, repito-o, à analogia, à associação de ideias, ou à etimologia popular, isto é a processos psicológicos, para encontrarmos a chave do enigma e explicar a substituição de *o-i* por *au*, que, aumentando a sonoridade melancólica do vocábulo, aumentou ao mesmo tempo sua significação: o conteúdo, o espírito, a alma. O influxo que houve, pode ou deve provir de palavras que principiavam com *saud...* (1914: 54-55).

Tema que desenvolve a seguir discutindo as analogias com *saúde* e SALUTĀTE/*saudade* e até *sãidade*/SANITĀTE. Não sei se recorreu a Bluteau (que não é citado por Nascentes), mas encontramos aqui a equiparação a lat. DESIDERIUM e o resumo dos comentários aos *Lusíadas* de Manuel Faria e Sousa,<sup>45</sup> que explica a «corrupção» *soidade* > *saudade* de uma forma análoga.<sup>46</sup> Neste âmbito, permitam-me citar apenas três exemplos para o vasto leque de significados que possui esta denominação tão portuguesa, mas igualmente presente noutras culturas.<sup>47</sup> Em meados do século XV, faz-se dizer ao «Infante Santo» D. Fernando:

me começou de viir ao coração hũa grande *soidade* e desejo de me hir deste mundo.<sup>48</sup>

Um século mais tarde Samuel Usque fala da «saudade» ou da «nostalgia da pátria» dos judeus portugueses:

44 Utilizando, porém, uma explicação confusa e contraditória: «port. *saudade* onde ocorrem ainda as formas *sodade*, com monotongação *au* > *o*, e *soidade* com alt. *au* > *oi*» (Houaiss 2001: 2525).

45 Manoel de Faria e Sousa, *Cômentarios de Camoens*, 2 vols., Madrid 1639. A este respeito nota C. Eduardo de Soveral: «É autor que não recebeu ainda a devida ponderação, por isso que, de um lado, os sucessos principais da sua biografia, do outro, a temática do que produziu, o situam entre dois fogos: a antipatia da crítica lusa e a indiferença da espanhola...», *Dicionário das literaturas portuguesa, galega e brasileira*, p. 787.

46 Bluteau, vol. 7, pp. 512-513.

47 Cf., por exemplo, ultimamente a fórmula «das eigentümliche Ich-weiß-nicht-was-soll-es-bedeutend-dass-ich-so-traurig-bin, die schöne und grundlose Lebenstraurigkeit des deutschen Intellektuellen», Iris Radisch, crítica a Judith Hermann, «Nichts als Gespenster», em: *Die Zeit* 6, 30.1.2003, p. 41.

48 [a.1451-1460] CronInfanteSanto 88.

Os que com desejo, de suas terras andam longos años desterrados, ao fim do tempo lhe daa remedio a suas *suydades* e a ellas os torna com alegria.<sup>49</sup>

Finalmente um exemplo para a utilização idiomática, para a qual normalmente é difícil conseguir-se uma datação:

dei ordem à cea dos novos hospedes [cafres] e a *matar as saudades* a Antonio, e assim àquelles mandamos duas grandes panelas de arros cosido em agoa e a este, para convidar tãobem o rey, hum lenço de biscouto e huma palangana de calda de sydrão que acaso achamos em hum boyão...<sup>50</sup>

Parece-me interessante a derivação *saudoso*, pertencente a este grupo, mas não levada em conta por Catarina Michaëlis de Vasconcellos, está na base de um grupo de palavras desde *saudosamente* até *saudosismo*. Machado e outros reconduzem o adjetivo *saudoso* a um hipotético *\*saudadoso*, sendo seguido por Cunha (e depois dele Houaiss), que fala de uma forma haplológica. Esta interpretação está certamente correcta, mas chama a atenção o facto de a forma básica *\*saudadoso* não se encontrar testemunhada, pelo que uma ligação directa a *saúde* seria mais evidente do ponto de vista formal, mas implicaria uma forma final SALUTĀTE para *saudade*, tal como Carolina de Michaëlis de Vasconcellos refere. De acordo com o «fichário» de Cunha, Houaiss dá como primeira datação uma forma *soydoso* no século XV, Machado cita (mas numa grafia errada) *saudoso* na *Vita Christi*.<sup>51</sup> Como primeira atestação posso acrescentar uma alcunha: «Catalyna a *Soidossa* pateira» (a.1403),<sup>52</sup> que não permite, claro, uma interpretação semântica definitiva; caberia porém recorrer também aqui a Bluteau.<sup>53</sup> O significado sobressai claramente da seguinte passagem, também testemunhada mas não citada por Nascentes:

muytos delles chorauam cõ *soydoso* pensamento (a.1452/76 ZuraraGuiné 141).

49 a.1553 Usque 3,xl v.

50 a.1639(or.) LoboItinerário 582.

51 «segundo os teus *saudossos* amoestamentos», a.1495 *VitaChristi*, p. 264a (versão impressa), Machado cita a partir da versão do Códice Alcobacense.

52 1403 LVereaçõesPorto 1,193.

53 «Mil guizados fazem os Portuguezes desta palavra (...) Saudoso. Vistoso, ameno, capaz de deyxar depois de perdido, muyta saudade. *Amænus,a,um. Aspectu delectabilis...*» (vol. 7, p. 516).

## 10

Estou a chegar ao fim da minha intervenção, com a qual nada mais quis senão, recorrendo a alguns exemplos colhidos ao acaso e a numerosas citações, delinear grosseiramente o importante papel desempenhado por Carolina Michaëlis de Vasconcellos também no campo da lexicografia histórica portuguesa e românica. Com Hernâni Cidade:

Muitos ensaios publicados nas revistas portuguesas mais notórias, francesas, italianas, espanholas, sobretudo alemãs, mais concretamente romanistas estão a reclamar um volume que a todos colija e a alguns actualize... (*Dicionário de História de Portugal* 6, p. 253).

José Pedro Machado publicou em 1969/72 uma antologia deste género (reunindo exclusivamente os textos em língua portuguesa), sem incluir um índice remissivo nem tentar uma actualização de várias abordagens etimológicas. E é aqui que assistimos ao fechar do círculo: à excepção da *Miscelânea* de 1953, encontramos uma situação semelhante — com um número muito mais elevado de pequenas «achegas» etimológicas ou de história das palavras — na obra de Joseph M. Piel.<sup>54</sup> Uma obra comparável sob muitos aspectos com a área de investigação de Carolina Michaëlis de Vasconcellos, que por assim dizer continua ao substituí-la na cátedra de Coimbra. Não quero porém aprofundar hoje e aqui este aspecto.

Voltando à personalidade que é princípio e fim desta intervenção, permitam-me uma última citação de Gonçalves Viana, que define correctamente o trabalho de um especialista de etimologia:

E findo aqui a minha análise ao primoroso estudo da abalisada romanista.

Não se cuide que os reparos mínimos que fiz impliquem o intuito de desmerecer o trabalho consciencioso e pontual que critiquei sumariamente. Conhece a Sr.<sup>a</sup> D. Carolina Michaelis de Vasconcelos a admiração e respeito que tributamos ao seu talento excepcional e vastíssimo saber, aos assinalados serviços, que, num ambiente por ora ainda ingrato, tem prestado à filologia e às boas letras portuguesas. Conhece também que estudos desta natureza estão sujeitos a minucioso exame e a larga discussão, antes que os seus resultados obtenham o consenso dos que podem ter voto em tais assuntos; e é de certo com o aplauso de quem cultiva êste ramo de ciências, que contam todos aqueles que lidam no mesmo campo, e não com o louvor inconsciente e superficial de quem elogia sem competência, e quantas vezes sem mesmo ter lido o que enfaticamente encarece (...) (1908: 247).

---

54 Cf. Kremer (1995a).

**Bibliografia**<sup>55</sup>

- Bacellar, Bernardo de Lima e Mélo (1783): *Diccionario da lingua portugueza em que se acharão dobradas palavras do que traz Bluteau, e todos os mais diccionaristas juntos (...)*, Lisboa: José de Aquino Bulhoens.
- Basto, Cláudio (1914): «'Saudade' em português e galego», em: *Revista Lusitana* 17, pp. 275-281.
- Bivar, Artur (1948): *Dicionário geral e analógico da língua portuguesa*, II partes, 3 vols., Porto: Ouro.
- Bluteau, Rafael (1712/1728): *Vocabulario Portuguez e Latino*, vol. 1-4, Coimbra: Colegio dos Artes, 1712-1713; vol. 5-8, Lisboa: Pascoal da Sylva, 1716-1721; *Suplemento ao Vocabulario Portuguez e Latino*, 2 vols., Lisboa: Joseph Antonio da Silva 1727, Patriarcal Officina da Musica 1728.
- Corominas, Juan, con la colaboración de José A. Pascual (1980/1991): *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*, 6 vols., Madrid: Gredos.
- Cunha, Antônio Geraldo da Cunha (1986): *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*, 2.<sup>a</sup> Edição revista e acrescida de um suplemento, Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Dalgado, Rodolfo Sebastião (1919/1921): *Glossário luso-asiático*, Com uma introdução de Joseph M. Piel, 2 vols., Hamburg: Buske 1982 (= *RomGG*, 11) [«Reimpressão da edição original de Coimbra 1919 e 1921 feita sobre o exemplar da Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa»].
- Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa* (1993), organização e coordenação de Giulia Lanciani e Giuseppe Tavani, Lisboa: Caminho.
- Dicionário das literaturas portuguesa, galega e brasileira* (1960), direcção de Jacinto do Prado Coelho, Porto: Livraria Figueirinhas [Há edição posterior].
- Figueiredo, Cândido de (1899/1939): *Nôvo diccionário da língua portuguêsã (...)*, 2 vols., Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão 1899; Sexta edição actualizada na grafia e copiosamente ampliada, Lisboa: Bertrand [1939].
- Hobson-Jobson. The Anglo-Indian Dictionary* (1886) Henry Yule and A.C. Burnell [1886], NE Hertfordshire: Wordsworth 1996.
- Houaiss, Antônio / Villar, Mauro de Salles / Branco, Francisco Manoel de Mello (2001): *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, Rio de Janeiro: Objectiva.
- Kremer, Dieter (1995a): «Joseph M. Piel (1903-1992)», em: *Revista Portuguesa de Filologia* 20, pp. 267-280.

---

55 Não se desenvolvem as siglas das fontes utilizadas e não se retoman as obras citadas pontualmente.

- Kremer, Dieter (1995b): «Histoire sociale et histoire linguistique. Quelques remarques sur une documentation peu exploitée de l'époque vicentine», *«Du moyen âge à l'époque de Gil Vicente (1096-1536)»* [= Colloque international à la mémoire du Professeur Luís F. Lindley Cintra (Paris 1995)], no prelo.
- Kremer, Dieter (2000a): «Rodrigues Lapa, o léxico medieval e a Linguística românica», *Filologia, Literatura e Linguística*, Colóquio internacional Curia 1997: *Comemorações do Centenário do Nascimento do Professor Doutor Manuel Rodrigues Lapa*, [Porto]: Fundação Eng. António de Almeida, pp. 125-143.
- Kremer, Dieter (2000b): «O léxico dos Descobrimentos (Os exemplos de Valentim Fernandes e Garcia de Orta e de outros)», congresso internacional *500 Anos da Língua Portuguesa no Brasil* (Évora 2000), no prelo.
- Kremer, Dieter (2001): «Colonisation onymique», *L'onomastica testimone, custode e promotrice delle identità linguistiche, storiche e culturali. Studi in ricordo di Fernando R. Tato Plaza*, *RION* 7 (2001), pp. 337-373.
- Kremer, Dieter (2003): «Insulindische Notizen», em: *Lusophonie in Geschichte und Gegenwart. Festschrift für Helmut Siepmann*, hrsg. von Richard Baum und António Dinis, Bonn: Romanistischer Verlag, pp. 171-228.
- Lapa, Manuel Rodrigues (1970): *Cantigas d'escarnho e de mal dizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses*, 2.<sup>a</sup> Edição, revista e acrescentada, Vigo: Galaxia.
- Liaõ, Duarte Nunes de (1784): *Origem e Orthographia da lingua portugueza*, Nova edição correcta, e emendada, Lisboa: Rollandiana.
- Lokotsch, Karl ([1926] 1975): *Etymologisches Wörterbuch der europäischen (germanischen, romanischen und slavischen) Wörter orientalischen Ursprungs* [1926], 2. unveränderte Auflage, Heidelberg: Winter.
- Machado, José Pedro (1977): *Dicionário etimológico da língua portuguesa, com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados*, 3.<sup>a</sup> edição, 5 vols., Lisboa: Livros Horizonte.
- Miscelânea de filologia, literatura e história cultural à memória de Francisco Adolfo Coelho (1847-1919)* (1949/1950), 2 vols., Lisboa: Centro de Estudos Filológicos.
- Mühlschlegel, Ulrike (2002): *Enciclopedia, vocabulario, dictionary. Spanische und portugiesische Lexikographie im 17. und 18. Jahrhundert*, Frankfurt/Main: Vervuert (= Bibliotheca Ibero-Americana, 78).
- Nascentes, Antenor (1932): *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, primeira e única edição, Rio de Janeiro.
- Orta, Garcia d' (1563): *Coloquios dos simples e drogas e cousas medicinais da India* (...), Reprodução fac-similada da edição impressa em Goa em 10 de Abril de 1563, Lisboa: Academia das Ciências 1963.
- Orta, Garcia d' (1891): *Colóquios dos simples e drogas da Índia por Garcia da Orta*, Reprodução em fac-simile da edição de 1891 dirigida e anotada pelo Conde de Ficalho, 2 vols., Lisboa: IN-CM 1987.
- Piel, Joseph M. (1948): «Em torno da *Cantiga da Garvaia*», em: *Revista Portuguesa de Filologia* 2, pp. 188-200.



- Piel, Joseph M. (1953): *Miscelânea de etimologia portuguesa e galega (Primeira série)*, Coimbra: Universidade.
- Piel, Joseph M. (1966/1988): «Coteifes orpelados, panos d'arrazes e martinhos», em: *Revista Portuguesa de Filologia* 14, pp. 1-12 (= *Estudos*, pp. 115-122).
- Piel, Joseph M. (1989): *Estudos de linguística histórica galego-portuguesa*, Lisboa: IN-CM.
- Vasconcellos, Carolina Michaëlis de (1883): «Port. Etymologien», em: *Zeitschrift für romanische Philologie* 7, pp. 102-115.
- Vasconcellos, Carolina Michaëlis de (1887/1889): «Etimologias portuguesas», em: *Revista Lusitana* 1, pp. 116-132, 298-305.
- Vasconcellos, Carolina Michaëlis de (1895): «Fragmentos etymologicos», em: *Revista Lusitana* 3, pp. 129-190.
- Vasconcellos, Carolina Michaëlis de (1896/1905): «Randglossen zum altportugiesischen Liederbuch», em: *Zeitschrift für romanische Philologie* 20 (1896), pp. 145-218, 25 (1901), pp. 129-174, 278-321, 533-560, 669-685, 26 (1902), pp. 56-75, 206-229, 27 (1903), pp. 153-172, 257-277; 414-436, 708-737, 28 (1904), pp. 385-434, 29 (1905), pp. 683-711.
- Vasconcellos, Carolina Michaëlis de (1905): «Enger, Inçar (Zu Zschr. XXVI-II, 364)», em: *Zeitschrift für romanische Philologie* 29, pp. 607-617.
- Vasconcellos, Carolina Michaëlis de (1908): «Contribuições para o futuro Dicionário Etimológico das línguas hispânicas», em: *Revista Lusitana* 11, pp. 1-62
- Vasconcellos, Carolina Michaëlis de (1909): «Taibo», em: *Revista Lusitana* 12, pp. 133-138.
- Vasconcellos, Carolina Michaëlis de (1910): «Mestre Geraldo e os seus tratados de alveitaria e cetraria», *Revista Lusitana* 13, pp. 149-432.
- Vasconcellos, Carolina Michaëlis de (1912): «Notas vicentinas. Preliminares duma edição crítica das Obras de Gil Vicente», em: *Revista da Universidade de Coimbra* 1, pp. 205-293.
- Vasconcellos, Carolina Michaëlis de (1914): *A saudade portuguesa. Divagações filológicas e literar-históricas em volta de Inês de Castro e do cantar velho «Saudade minha — ¿Quando te veria?»*, Porto: Renascença Portuguesa.
- Vasconcellos, Carolina Michaëlis de (1917): «Etymologische Einfälle», em: *Revista Lusitana* 20, pp. 316-319.
- Vasconcellos, Carolina Michaëlis de (1920): «Glossário do Cancioneiro da Ajuda», em: *Revista Lusitana* 23, pp. 1-95.
- Vasconcellos, Carolina Michaëlis de (1921): *Algumas palavras a respeito de púcaros de Portugal*, Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Vasconcellos, Carolina Michaëlis de (1925): «Miscelas etimológicas», *Homenaje ofrecido a Ramón Menéndez Pidal* 3, pp. 441-473.
- Viana, A. R. Gonçalves (1906): *Apostilas aos dicionários portugueses*, 2 tomos, Lisboa: Livraria Clássica Editora.

- Viana, A. R. Gonçalvez (1908): «Léxico português», em: *Revista Lusitana* 11, pp. 238-247.
- Viterbo, Fr. Joaquim de Santa Rosa de ([1962]): *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram (...)*, edição crítica por Mário Fiúza, 2 vols., Porto-Lisboa: Livraria Civilização.